

FINADOS



Finados, a celebração da esperança cristã

É uma antiquíssima tradição da Igreja Católica rezar por todos os fiéis falecidos no dia 2 de novembro. A todos os que morreram “no sinal da fé”, a Igreja reserva um lugar importante na Liturgia: há uma lembrança diária na Missa, com o Momento dos mortos e o Ofício divino.

A nova vida, recebida no Batismo, não está sujeita à corrupção nem ao poder da morte. Para quem vive em Cristo, a morte é a passagem da peregrinação terrena à pátria do Céu, onde o Pai acolhe a todos os filhos, “de toda nação, raça, povo e língua” (Ap 7,9).

É muito significativo e apropriado que, depois da festa de Todos os Santos, a Igreja nos faça celebrar a comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.

Com a lembrança dos falecidos, a Igreja quer lembrar a grande verdade, baseada na Revelação: a existência da Igreja triunfante no Céu, a padecente no Purgatório e a militante na terra. O Purgatório é o estado intermediário, mas temporário “onde o espírito humano se purifica e se torna apto ao céu”.

Desde os primeiros séculos, a Igreja reza pelos falecidos. No segundo livro de Macabeus, da Bíblia, encontramos esta recomendação: “É coisa santa e salutar lembrar-se de orar pelos defuntos, para que fiquem livres de seus pecados” (2Mc 12,46).

Não só é coisa santa rezar pelos falecidos, mas o Dia de Finados é uma oportunidade para todos nós refletirmos sobre como estamos vivendo: “bem-aventurado o homem que, quando o Senhor vier buscá-lo, estiver preparado”.

Os primeiros vestígios de uma comemoração coletiva de todos os fiéis defuntos são encontrados em Sevilha (Espanha), no século VII, e em Fulda (Alemanha), no século IX.

O fundador da festa foi Santo Odilon, abade de Cluny, o qual a introduziu em todos os mosteiros de sua jurisdição, entre os anos 1000 e 1009. Na Itália em geral, a celebração já era encontrada no fim do século XII e, mais precisamente em Roma, no início do ano de 1300. Foi escolhido o dia 2 de novembro para ficar perto da comemoração de Todos os Santos.

O Papa João Paulo II nos ensina que “a Igreja do Céu, a Igreja da Terra e a Igreja do Purgatório estão misteriosamente unidas nessa cooperação com Cristo para reconciliar o mundo com Deus”. E nos ensina ainda: “... os vínculos de amor que unem pais e filhos, esposos e esposas, irmãos e irmãs, assim como os ligames de verdadeira amizade entre pessoas, não se perdem nem terminam com o indiscutível evento da morte. Os nossos defuntos continuam a viver entre nós, não só porque os

seus restos mortais repousam no cemitério, e a sua recordação faz parte da nossa existência, mas sobretudo porque as suas almas intercedem por nós junto a Deus”.

A celebração do Dia de Finados é uma oportunidade para fazermos uma reflexão, não somente sobre a morte, mas sobre a vida. Nosso Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos. As pessoas que já partiram desta vida não estão mortas para Deus e, portanto, nossa oração pode atingi-las ainda. É por isso que rezamos por essas pessoas no transcorrer do ano e dedicamos um dia especial a elas.

A vida terminará para todos nós aqui neste mundo, é apenas uma questão de tempo. Além disso, para a eternidade não poderemos levar nada de material. Levaremos apenas o bem que tivermos feito para nós e para os outros. Logo, deve ser uma tomada de consciência de que ser feliz e viver bem não quer dizer acumular tesouros, prazeres ou glórias, mas fazer o bem e preparar uma vida eterna com Deus.

A verdade de fé que integra o conjunto da doutrina cristã, ensinada por Jesus e garantida pelo Magistério Eclesiástico através dos séculos, é que o homem morre uma só vez. Claríssimo o ensino da Epístola aos Hebreus (9,27): **“E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento”**. A vivência dessa verdade nos pressiona em favor de uma vida segundo as diretrizes de Jesus, sem esperarmos a correção de nossas falhas por meio de consecutivas e hipotéticas reencarnações. A crença em uma sequência de existências é contrária à fé cristã. A morte – uma só – nos abre as portas da eternidade, prêmio de nossa fidelidade a Cristo Jesus Ressuscitado. Essa verdade deve ser reafirmada ao recordarmos nossos parentes e amigos que nos precederam na Casa do Pai.

No Dia de Finados, não celebremos, portanto, a morte, mas exatamente a vida, essa Vida Eterna presente e real já em Jesus Cristo. Somos cristãos, esperançosos em nossa fé na ressurreição, na morada que Jesus preparou para nós. Na participação da celebração eucarística, na visita aos cemitérios, na nossa oração pelos irmãos falecidos, transpareceremos a certeza de que somos finitos e de que a cada dia necessitamos da graça de Deus para mantermos viva, em nós, a chama da fé, da verdade, da caridade, do amor e do perdão rumo à eternidade. “Eternidade não é um contínuo suceder-se de dias do calendário, mas algo como o momento pleno de realização, cuja totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade do Ser, da verdade, do amor” (Papa Emérito Bento XVI).

A nossa finitude nos dá a capacidade de qualificar nossa vida. A eternidade do amanhã dependerá da plenitude do hoje. É a certeza de que findaremos um dia que nos faz acordados no presente. Por isso, o Dia de Finados é rico para avaliar o sentido de nossa vida, e o rumo e o prumo que damos ao nosso itinerário. “Não é a vida que dá sentido à morte, mas a morte que dá sentido e valor à vida” (Padre Gerson Schmmidt).

Importante: Este não é um dia para falar com mortos (que aliás é uma prática abominável aos olhos de Deus), mas para falar com o Senhor sobre as pessoas que já faleceram e interceder por elas.

Gostaria de terminar refletindo com vocês sobre as catequeses do Papa Francisco a respeito da esperança cristã.

Papa Francisco nos diz:

O Paraíso “não é um lugar de fábula, e tampouco um jardim encantado. O paraíso é o abraço com Deus, Amor infinito, e nós entramos graças a Jesus, que morreu na cruz por nós. Onde está Jesus, está a misericórdia e a felicidade. Por isso, concluiu o Papa, “não se deve temer a morte, mas sim desejar o encontro final com Deus”.

“Se acreditamos nisto, a morte deixa de nos amedrontar, e podemos esperar partir deste mundo de maneira serena, com tanta confiança. Quem conheceu Jesus, não teme mais nada.”

Francisco citou o trecho do Evangelho de João, quando Marta, que chora pela morte de seu irmão Lázaro, Jesus assegura: “Teu irmão ressuscitará, pois quem crê em Mim, mesmo que tenha morrido, viverá”. “Eu não sou a morte; Eu sou a ressurreição e a vida. **Crê nisto?**” E o trecho do Evangelho onde relata o episódio em que um homem, Jairo, recebeu a notícia da morte da filha que estava doente. Jesus logo o tranquilizou, dizendo: “**Não tenhas receio; crê somente!**”.

E lembrou que Jesus faz a mesma pergunta a cada um de nós hoje, sempre que a morte dilacera o tecido da vida e dos afetos. Com a morte, a existência humana toca o ápice, considerou o Papa, fazendo a pessoa se deparar com a vertente da fé ou o precipício do nada.

Concluiu a catequese, afirmando que a esperança cristã se apoia e se alimenta desta posição que Jesus assume contra a morte: “Não tenhas receio – diz Jesus – crê somente!”. A graça de que necessitamos no momento da morte – uma graça imensa! – é conservar acesa no coração a chama da fé. Porque Jesus há de vir, nos tomará pela mão, como fez com a filha de Jairo, e nos ordenará: “**Levanta-te, ressuscita**”.

Sobre as Indulgências

Ao fiel que visitar devotamente um cemitério e rezar, mesmo em espírito, pelos defuntos, concedem-se indulgências aplicáveis às almas do Purgatório. Essa indulgência será plenária cumprindo as condições, cada dia, de 01 a 08 de novembro; nos outros dias do ano será parcial.

Veja como:

- 1- Confessar-se bem, rejeitando todo pecado;
- 2- Participar da Santa Missa e comungar com essa intenção;
- 3- Rezar pelo Papa ao menos um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e Glória;
- 4- Visitar o cemitério e rezar pelo falecido.

Oração para o Dia de Finados

Ó Deus, que pela morte e Ressurreição de vosso Filho Jesus Cristo nos revelastes o enigma da morte, acalmastes nossas angústias e fizestes florescer a semente da eternidade que vós mesmos plantastes em nós: Concedei aos vossos filhos e filhas já falecidos a paz definitiva da vossa presença. Enxugai as lágrimas dos nossos olhos e dai-nos a todos a alegria da esperança na ressurreição prometida. Isso vos pedimos, por Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Que todos aqueles que buscaram o Senhor com o coração sincero e que morreram na esperança da ressurreição descansem em paz. Amém.



Referências

- 1- Formação Comunidade Shalom
- 2- Formação Dom Eurico dos Santos Veloso – Arcebispo de Juiz de Fora – MG
- 3- www.catequistasemformação
- 4- Formação Canção Nova – Professor Felipe Aquino
- 5- Radiovaticana.va – Catequeses Papa Francisco sobre a esperança.

